

## **A importância do brincar no contexto hospitalar: percepção e compreensão da equipe de enfermagem**

**Carlos Eduardo de Oliveira Berto<sup>1</sup>**

**Jorge Luís Ferreira Abrão<sup>2</sup>**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

O presente trabalho tem como propósito destacar aspectos relacionados ao projeto de pesquisa para o Mestrado, em andamento, denominado “A importância do brincar no contexto hospitalar: percepção e compreensão da equipe de enfermagem”.

As ideias propostas nesse projeto surgiram por meio das experiências vivenciadas por um dos autores, no contexto de trabalhos realizados numa instituição hospitalar, iniciados em 2007, no estágio curricular do curso de Graduação em Psicologia: “Brinquedoteca – Psicologia no Hospital”, coordenado pelo Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Universidade Estadual Paulista e efetivado no setor pediátrico da Santa Casa da Misericórdia de Assis. Estágio este coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão, o qual também responde pela autoria deste texto.

Em 2008, deu-se continuidade aos trabalhos e estudos acerca dos temas envolvidos no estágio, dentre os quais se destacam: o papel do brincar no hospital, a situação da criança internada, a relação dos funcionários e acompanhantes com a criança hospitalizada, o papel da humanização na instituição hospitalar e outros temas mais específicos ligados às condições da criança no leito, aos modos de a criança lidar com a internação e às formas de intervir do profissional da Psicologia.

A partir do contexto dos estágios vivenciados, instigou-se a investigação de maneira mais aprofundada sobre algumas das relações que permeiam o setor pediátrico do hospital. Considerando que a brinquedoteca hospitalar representa o espaço lúdico que proporciona o ambiente favorável para o brincar, com efeito, faz-se pertinente a pesquisa que debate: qual a compreensão dos técnicos e auxiliares de enfermagem da pediatria a respeito da brinquedoteca?

Com a revisão bibliográfica em acervos eletrônicos, pôde-se verificar uma quantidade significativa de artigos que discutem o assunto sobre o brincar no hospital. A maioria desses trabalhos posiciona-se em sustentar que o brincar constitui, de fato, um recurso viável e adequado para o enfrentamento da hospitalização (Carvalho & Begnis, 2006; Leite & Shimo, 2008; Motta & Enumo, 2004; Mitre & Souza, 2009; entre outros). Alguns desses trabalhos inserem o brincar também como instrumento facilitador para a realização de procedimentos médicos (Azevedo, Santos, Justino, Miranda & Simpson, 2007; Ribeiro, Sabatés & Ribeiro, 2001; entre outros), enquanto outros incluem mais precisamente no brincar o modo de expressão da criança no qual ela se comunica com

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

os profissionais (Junqueira, 2003; Mitre & Gomes, 2007; Poleti, Nascimento, Pedro, Gomes & Luiz, 2006; Ravelli & Motta, 2005; entre outros), o que, conseqüentemente, corrobora as perspectivas dos outros artigos.

Em trabalho de revisão bibliográfica anterior, feito por Leite e Shimo (2008), mas especificamente no que diz respeito aos Cursos de Pós-Graduação, as autoras comentam que o tema do brincar já se discute há algum tempo, no Brasil, em concomitância com o surgimento desses cursos; desde então, o número de pesquisas vem aumentando. (Leite & Shimo, 2008, p.391)

Entretanto, retomando os artigos eletrônicos, é preciso evidenciar o trabalho de Mitre e Gomes (2007) que investigaram a perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. Realizaram pesquisas em três instituições, cada uma delas pertencente a uma capital de diferente região do país: Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Constataram que a promoção do brincar não ocorria de um único modo, nas instituições investigadas. “É um erro querermos pensar num modelo único de utilização de um elemento tão diversificado como a atividade lúdica, pois se corre o risco de perder toda a riqueza e complexidade que envolve as diferentes iniciativas e ações”. (Mitre & Gomes, 2007, p.1282)

A diversificação do modo de promover o brincar para cada instituição é peculiar a cada um e remete-se à questão: como se pode, então, entender a compreensão dessa atividade em outras instituições? É por meio desse entendimento que se pode notar como “(. . .) nos hospitais brasileiros, de modo geral, ainda é comum encontrarmos as atividades lúdicas sendo promovidas apenas por voluntários, sem uma maior orientação ou formação, ou mesmo sem maiores vínculos com a instituição” (Mitre & Gomes, 2007, p.1282), pois esse processo se relaciona diretamente com a maneira como o hospital percebe essas atividades.

De modo geral, os trabalhos revisados têm em comum a opinião de que a situação da criança internada é delicada e envolve uma série de outros cuidados para além dos medicamentos. O brincar é indispensável à criança e, no hospital, exerce um papel fundamental, que inclusive auxilia no processo de internação.

Com o recente processo de humanização nos hospitais, a criança tende a receber esses cuidados, porque, além de nova postura e reorganização necessárias para o quadro de funcionários, a implantação das brinquedotecas abrange um ponto de extrema relevância das novas estratégias da humanização, ao possibilitar que a criança hospitalizada brinque, ressignificando o espaço e a circunstância em que se encontra.

O número de internações de crianças é expressivo e “(. . .) o rico debate sobre a cultura assistencial e sobre a importante proposta de práxis trazida pela proposta de humanização pode contribuir para a reflexão mais crítica dos modelos e ações em saúde”. (Deslandes, 2004, p.13)

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é compreender o entendimento dos auxiliares de enfermagem da pediatria de uma determinada instituição hospitalar do município de Assis (SP), a respeito da relevância do brincar para a facilitação do processo de internação da criança, considerando que esse profissional se encontra efetivamente mais próximo da criança hospitalizada. Para alcançar os objetivos propostos, o método adequado será qualitativo e envolverá entrevistas semidirigidas. A avaliação dos resultados será feita por meio do referencial psicanalítico. O processo de coleta dos dados por meio das entrevistas está previsto para o primeiro semestre de 2010.

Como resultado parcial, pode-se salientar que, no hospital em que esta pesquisa se insere, muito embora se perceba o reconhecimento da importância do brincar, o “para quê” desse processo parece pouco definido e, de modo geral, direcionado para a função de distração e/ou passar o tempo. Apesar da receptividade aos trabalhos como a brinquedoteca, a equipe preocupa-se pouco em se envolver com as atividades da criança ou da própria brinquedoteca, mas, ainda sim, permite que a criança brinque.

### Referências

- Azevedo, D. M., Santos, J. J. S., Justino, M. A. R., Miranda, F. A. N., & Simpson, C. A. (2007). O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. *Cienc Cuid Saúde*, 6(3), 335-341. Acessado em 12/05/2009, do <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/4018/2715>.
- Carvalho, A. M. & Begnis, J. G. (2006). Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 109-117. Acessado em 12/05/2009, do <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a13.pdf>.
- Deslandes, S. F. (2004). Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 7-14. Acessado em 12/05/2009, do [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14138123200400010002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200400010002).
- Junqueira, M. F. P. S. (2003). A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: um relato de experiência. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 193-197. Acessado em 12/05/2009, do <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/261/26180122.pdf>.
- Leite, T. M. C. & Shimo, A. K. K. (2008). Uso do brinquedo no hospital: o que os enfermeiros brasileiros estão estudando? *Rev. Esc. Enferm. USP*, 42(2), 389-395. Acessado em 09/04/2009, do <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a24.pdf>.
- Mitre, R. M. A. & Souza, E. L. (2009). O brincar na hospitalização de crianças com paralisia cerebral. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 25(2), 195-201. Acessado em 09/04/2009, do [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200007).
- Mitre, R. M. A. & Gomes, R. (2004). A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1277-1284. Acessado em 12/05/2009, do [http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232007000500025&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232007000500025&script=sci_arttext).
- Motta, A. B. & Enumo, S. R. F. (2004). Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 19-28. Acessado em 12/05/2009, do <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a04.pdf>.
- Poleti, L. C., Nascimento, L. C., Pedro, I. C. S., Gomes, T. P. S. & Luiz, F. M. R. (2006). Recreação para crianças em sala de espera de um ambulatório infantil. *Rev. Bras Enferm*, 59(2), 233-235. Acessado em 12/05/2009, do

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000200021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200021).

Ravelli, A. P. X. & Motta M. G. C. (2005). O lúdico e o desenvolvimento infantil: um enfoque na música e no cuidado de enfermagem. *Rev Bras. Enferm*, 58(5), 611-613. Acessado em 09/04/2009, do [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672005000500021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672005000500021).

Ribeiro, P. J., Sabatés, A. L. & Ribeiro, C. A. (2001). Utilização do brinquedo terapêutico como instrumento de intervenção de enfermagem, no preparo de crianças submetidas a coleta de sangue. *Rev. Esc Enferm USP*, 35(4), 320-328. Acessado em 09/04/2009, do <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n4/v35n4a15.pdf>.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.*

*Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*